

Oposição a novo partido une cúpula do PMDB

Só reciclagem salva Aliança, afirma Covas

O líder do PMDB na Assembleia Nacional Constituinte, senador Mário Covas, admitiu ontem que a Aliança Democrática necessita de uma reciclagem, embora considere "muito difícil que ela seja feita, porque envolve objetivos sociais e econômicos". O senador disse isso à saída do gabinete do presidente da Constituinte, deputado Ulysses Guimarães, após manter encontro com ele e com o presidente da Central Geral dos Trabalhadores (CGT), Joaquim Santos de Andrade (Joaquimão).

A Aliança Democrática, de acordo com Mário Covas, já cumpriu grande parte dos objetivos iniciais a que se propôs e está morrendo de inanição. "Agora, só a reciclagem". O senador criticou também a linguagem de membros do PFL, por ocasião do episódio da saída do ministro do Interior, ao ironizar sobre membros do PMDB. "Não vejo essa linguagem, como a de um aliado político", queixou-se Covas.

"As maiores críticas que o PMDB recebe hoje vêm de supostos aliados do PFL — continuou Covas —, como o senador Carlos Chiarelli e do líder José Lourenço. E eles são tão agressivos que eu me pergunto que tipo de aliados nós somos". Para o líder do PMDB na Constituinte, é impossível continuar com a Aliança, que envolve posições "mais que divergentes, totalmente antagônicas".

Mário Covas deverá entregar hoje aos constituintes 53 mil assinaturas para uma emenda popular em favor das eleições presidenciais diretas em 88, coletadas em São Paulo nos últimos dez dias. Segundo ele, esse número deve chegar a mais de 100 mil, contando-se as assinaturas do resto do País. Esses números demonstram que a ideia das diretas está hoje muito forte, frisou Covas. Ele acrescenta que o atual Governo foi eleito pelo voto indireto para o período de transição, que termina com a nova Constituição.

Segundo o líder do PMDB na Constituinte, nem mesmo uma mudança de regime de governo anularia a validade das diretas para presidente. "Um novo regime, no caso o parlamentarismo, influi no mandato dos próximos presidentes, e não do atual", afirmou. Covas defendeu o parlamentarismo como forma mais democrática de Governo, mas disse temer um sistema parlamentar puro, ao menos no primeiro instante.

Erro histórico

Para o líder do PCB na Constituinte, deputado Roberto Freire, as esquerdas do PMDB vão acabar abrindo mão da sigla para as correntes moderadas do Centro Democrático, num grande erro histórico. Na sua opinião, há campo aberto para o surgimento de uma forte agremiação de cunho socialista, para atuar como aliado do PCB, do PT e dos socialistas do PDT. O PMDB será uma nova UDN.

Segundo Freire, as esquerdas do PMDB estão atuando de forma errada, combatendo o presidente Sarney e o presidente do partido, Ulysses Guimarães. "Sarney e Ulysses não são inimigos: são aliados", observou. Preconizando o erro, Roberto Freire acredita na criação de um partido socialista, reunindo as esquerdas do PMDB com o PSB e os socialistas do PDT. Nesse sentido, Freire vai sugerir ao presidente do PSB, senador Jamil Haddad (RJ), que realize uma Conferência Nacional Socialista.

Dissidentes ameaçam fim de diretório

Belo Horizonte — Embora emissários do presidente nacional do PMDB, Ulysses Guimarães, tenham desaconselhado a autodissolução do Diretório Regional do partido em Minas, o secretário de Assuntos Municipais, Nilberto Batista Moreira, afirmou ontem que até o final deste mês a autodissolução poderá ser efetivada, caso o constituinte Célio de Castro, o ex-deputado Antônio Faria e o economista Roberto Martins — membros da executiva do partido — renunciem.

Batista Moreira informou que 55 dos 90 membros do diretório já assinaram o pedido de renúncia, sendo que outras cinco assinaturas necessárias estão asseguradas — entre elas a do ministro da Indústria e do Comércio, José Hugo Castelo Branco.

Impasse

O governador Newton Cardoso não desautorizou o movimento. É desejo dele ver os dissidentes fora da executiva — assegurou o secretário, um dos principais assessores de Cardoso. Segundo ele, o movimento de autodissolução entrou em compasso de espera nos últimos dias, com o compromisso do presidente regional do partido, Raul Belém, e do senador Ronan Tito em negociar uma solução para o impasse, com a renúncia dos dissidentes liderados pelo deputado Pimenta da Veiga.

Apesar das divergências com o grupo dissidente, Batista Moreira acredita que o PMDB permanecerá unido em Minas e deve refletir em sua direção a nova realidade política com a vitória do governador Newton Cardoso.



Egidio Ferreira Lima fez da tribuna um discurso emocionado

Precipitação faz MUP recuar e criação de legenda é incerta

Preocupados com a repercussão do noticiário relativo à reunião que realizaram na véspera, para exame da viabilidade de criação de um novo partido, integrantes do Movimento de Unidade Progressista do PMDB (MUP) se apresentaram ontem em esclarecer que ainda não há uma decisão quanto à conveniência de formação dessa legenda, persistindo, ao contrário, o clima de incerteza em relação a essa questão.

O que houve na reunião de terça-feira — realizada no gabinete do senador peemedebista Afonso Camargo — foi o reconhecimento geral de que, se o grupo realmente se inclinar para a ideia de um novo partido, deve apressar as providências nesse sentido, tendo em vista prazos eleitorais relacionados ao pleito municipal do próximo ano.

Cobrança

Segundo o deputado baiano Domingos Leonelli, a dimensão alcançada pelo noticiário sobre a

reunião "assustou muita gente" comprometida com o movimento, provocando cobranças dos que não estiveram no encontro. A principal cobrança é a de que o assunto deve continuar sendo tratado com a mesma discrição observada na fase inicial de articulação do MUP, cujos primeiros encontros foram realizados em março. Os progressistas aglutinados nessa sigla — cerca de 25 — levam em conta, para essa discrição, que vários grupos do PMDB caíram no descrédito, nos últimos anos, pelo recuo em posições assumidas em público, de que é exemplo mais eloquente o caso do "Só Diretas" — 65 parlamentares que assinaram compromisso de não comparecimento ao Colégio Eleitoral e que acabaram votando em Tancredo Neves, no pleito indireto.

Consultas

Outra questão colocada pelos que condenam a precipitação das decisões é a alegada necessidade de aprofundar as consultas às bases

políticas dos parlamentares que compõem o MUP. Os progressistas, como regra, apontam razões consistentes de natureza político-institucional para admitir a ideia de criação de um novo partido — recusa à tendência fisiológica, à política econômica e atos autoritários do Governo — mas também têm condicionamentos eleitorais a serem considerados, tornando ainda mais complexa a decisão que devem adotar.

Dentro dessa visão eleitoral é que o senador Afonso Camargo elaborou um cronograma dos prazos que tornariam viável a participação do novo partido na eleição de 88. O cronograma sensibilizou quase todos os participantes da reunião de terça-feira que, segundo Camargo, reconheceram a necessidade de apressar uma decisão, sem que isso tenha significado uma determinação prévia de fazer o partido. Nova reunião foi convocada para a próxima semana.

Falta unidade ideológica

"Eu não vou trocar o PMDB por um peemedebzinho". Com essas palavras, o deputado Domingos Leonelli, um dos articuladores do "Movimento de Unidade Progressista", sintetizou o seu dilema a respeito da conveniência de formação de um novo partido, que reúna políticos de diferentes tendências ideológicas.

O "peemedebzinho" a que Leonelli se referiu fica bem caracterizado na diversificação entre várias nuances de esquerda existentes entre os progressistas e no perfil das principais estrelas do movimento por um novo partido.

Afonso Camargo: ex-dirigente nacional do PDC (Partido Democrata Cristão). Durante sete anos pertenceu à antiga Arena, partido pelo qual foi indicado senador "biônico" em 1974. Depois, integrou-se ao movimento de criação do Partido Popular, filiando-se ao PMDB quando o PP fundiu-se com esse partido. Aos que lhe criticam essa instabilidade de filiação partidária, Camargo explica que há 30 anos procura o partido dos seus "sonhos", capaz de promover a justiça social num quadro de estabilidade política. Ele diz preferir que o novo partido

tenha uma contação "trabalhista".

Gonzaga Mota: um economista do Banco do Nordeste que nunca tivera militância política antes de disputar o governo do Ceará, pela legenda do PDS, em 1982, com o estímulo e patrocínio do ex-governador Virgílio Távora. Mal instalado no governo, passou a adotar uma política contra aos interesses de Virgílio e dos outros dois "coronéis" da política cearense — César Cals e Adauto Bezerra, ingressando no PMDB em 1984, para apoiar a candidatura Tancredo Neves. Terminando o seu mandato, Gonzaga Mota ficou à espera de um cargo no Governo Federal, de preferência um ministério.

Fernando Lyra: um dos fundadores do grupo "autêntico" do PMDB, ex-ministro da Justiça, acha que o novo partido deve ser "social-democrata". A ele são atribuídos dois projetos políticos: o governo de Pernambuco ou a vice-presidência da República.

Roberto Saturnino: prefeito do Rio, que se proclama socialista, mas que, na prática, também demonstra uma tendência social-democrata. Recentemente, abandonou o PDT por discordar de Brizola.

Uma poderosa e informal aliança, reunindo governadores, ministros e as principais lideranças do PMDB, está tentando evitar que se concretize a disposição de vários parlamentares de fundar um novo partido em setembro. Alguns nomes expressivos, como os líderes Mário Covas e Fernando Henrique Cardoso e o ex-líder Pimenta da Veiga, tidos como reforços essenciais para viabilizar o novo partido, estão desestimulando decisões que consideram precipitadas. E tem uma forte razão para isto: há praticamente um consenso no comando do PMDB de, promulgada a nova Constituição, pôr um fim na Aliança Democrática, rompendo com o PFL, e reavaliando o relacionamento do partido com o Governo.

A avaliação das principais lideranças do partido, especialmente de Mário Covas, Fernando Henrique e Luiz Henrique, é de que a saída de setores mais à esquerda do partido na fase decisiva da Constituinte só terá um beneficiário: os conservadores do PMDB liderados pelo deputado Carlos Sant'Anna, que, após terem sido derrotados na Convenção Nacional do partido, adquiriram um novo estímulo para tentar conquistar o comando partidário.

Quadro político

O deputado Pimenta da Veiga, apontado como um dos fundadores do novo partido, desaconselha abertamente a sua criação agora e

recomenda: "Temos que aguardar os desdobramentos do quadro político, que podem, inclusive, conduzir o partido de volta a seu papel histórico". Essa é a mesma opinião de Fernando Henrique Cardoso. Já Luiz Henrique lembra que as direções do partido em todos os níveis serão renovadas de janeiro a abril do próximo ano. E não disputar dentro do PMDB o seu comando, abrindo espaço para a direita, é, no mínimo, uma precipitação.

O deputado Maurício Fruet tem uma avaliação semelhante a de Luiz Henrique: "Sair do PMDB antes de abril de 88 é entregar o partido de bandeja à direita. Temos de fazer exatamente o contrário: ganhar as convenções em todos os níveis, abrindo as portas de saída do partido justamente para os fisiológicos e conservadores".

Adesões

A perspectiva concreta de uma mudança efetiva nas relações do PMDB com o Governo e a certeza de que a Aliança Democrática será formalmente implodida após a Constituinte têm reduzido as adesões entre os insatisfeitos no partido ao projeto de criação imediata de uma nova agremiação partidária. Um argumento muito utilizado pelos que defendem cautela: a adoção do parlamentarismo significará logo no início do próximo ano a formação de um novo governo. Resta saber se essas ponderações serão acatadas pelos políticos.

Egídio faz apelo a rebeldes

O deputado Egídio Ferreira Lima (PMDB-PE) ocupou ontem a tribuna da Assembleia Nacional Constituinte para condenar a atitude dos dissidentes de seu partido que querem formar uma nova agremiação política. Enfático, o parlamentar chegou a classificar de "gesto tresloucado, um crime de lesa-pátria", a posição de alguns integrantes do PMDB que decidiram formar um novo partido.

Egídio Ferreira Lima, que assim como os dissidentes pertence à ala progressista do PMDB, fez um apelo para que seus companheiros tenham paciência e não saiam do partido agora. "O quadro partidário somente vai se definir após os trabalhos da Constituinte. Não se faz um partido da noite para o dia. Não nos devemos levar por projetos pessoais", enfatizou.

O deputado pediu aos dissidentes que "não cometam um crime contra o PMDB, a nação e o País".

Ele insistiu que todos devem permanecer no partido e lutar pela sua legenda, que deve ser social-democrata. Por fim, pediu: "Vamos esquecer as legendas neste momento. A tarefa agora é construir um novo Estado".

Sessão

O regime de governo (parlamentarismo ou presidencialismo) voltou a ser discutido ontem pelos constituintes. Egídio Ferreira Lima e o senador Chagas Rodrigues (PMDB-PI) defenderam o parlamentarismo como a única salvação do País, que vive, desde a Proclamação da República, "um sistema presidencialista de arbitrio".

Outro tema de destaque na sessão foi a denúncia do jornal O Estado de S. Paulo de que o Conselho Indigenista Missionário (Cimi) estaria envolvido numa trama para desnacionalizar a Arznázônia.